

## RELAÇÃO DE GÊNERO NO VALE DO AMANHECER DE BELÉM

Daniel Lucas Noronha de Sena \*

Manoel Roberto Ferreira Chagas \*\*

### Resumo

O artigo proposto aborda a relação de gênero no Vale do Amanhecer de Belém do Pará, levando em consideração os aspectos de seu início e sua fundação por uma mulher, Neiva Chaves Zelaya. Considera, ainda, de seu contexto “matriz” de Brasília, onde mitos e o contexto da capital contribuíram para seu nascimento, porém mas especificamente a partir de uma abordagem etnográfica do Vale do Amanhecer do Icuí Guajará, região metropolitana de Belém, onde os médiuns aparás e doutrinadores serão minuciosamente observados e estudados neste artigo a fim de analisar a relação de gênero existente desde sua raiz até o percurso que o Vale do Amanhecer como religião espiritualista faz por outras regiões e em conquista do mundo, conforme observado em pesquisa. O artigo também analisa como a relação espiritual e intelectual é compreendida a partir da mulher e do homem no que diz respeito ao tratamento espiritual de seus “pacientes”.

**Palavras-Chave:** Vale do Amanhecer, gênero, espiritualismo.

### Abstract

This article proposes to analyze gender relations in the “Vale do Amanhecer” movement in Belém do Pará, considering its initial stages and foundation by a woman, Neiva Chaves Zelaya. Through an ethnographic approach, it will also analyze the original context of Brasília, where the myths and the context of the capital contributed to her birth, as well as the “Vale do Amanhecer” of Icuí Guarajá, in the metropolitan area of Belém, where the apará mediums and teachers will be observed in order to study gender relations from its beginnings until its dissemination as a larger spiritualistic movement. It also pays attention to the spiritual and intellectual constructions of male and female as referred in the treatment of their “patients.”

**Keywords:** Vale do Amanhecer, gender, spiritualism.

### Para compreender o Vale do Amanhecer

O Vale do Amanhecer se constitui em uma cortina de mistérios, pois se coloca como o centro de origem de todas as religiões; a religião, ou doutrina, como

---

\* Daniel Lucas Noronha de Sena é graduado em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará, e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião também pela Universidade do Estado do Pará. E-mail: danielsccsl@hotmail.com.

\*\* Manoel Roberto Ferreira Chagas é graduado em História, pela FIBRA, esp. Em Metodologia da pesquisa científica, Pela Universidade do Estado do Pará, e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião também pela Universidade do Estado do Pará. E-mail: rchagas07@yahoo.com.br.

afirma seus adeptos, é marcada por um viés milenarista, pois até o final de 2009, conforme relata os próprios fiéis, todos os habitantes da terra, que ao serem “reestruturados” espiritualmente, retornarão ao seu planeta de origem, denominado de Capela<sup>1</sup>. O sistema de signos chamado “Vale do Amanhecer” nasce no Planalto Central, Brasília, no final da década de 60, com fundamentos místicos, filosóficos, científicos, e que cada dia ganha mais espaço no cenário nacional no contínuo processo de “destraditionalização”.<sup>2</sup> Fundado por uma mulher, semi-analfabeta, nordestina, a primeira caminhoneira do Brasil, Neiva Chaves Zelaya. É considerada na corrente indiana do espaço<sup>3</sup>, uma clarividente<sup>4</sup>, liderança espiritual, e corroborado por Mário Sassi, o mentor intelectual, marido de Tia Neiva, como é conhecida a fundadora do movimento.

A doutrina se expande por diversas regiões do país e em sete países do mundo com mais de seiscentos templos.<sup>5</sup> Em Belém, tem sede no bairro de Icoaraci, e em Ananindeua no bairro das Águas Lindas e no conjunto Uirapuru, no Bairro do Icuí Guajará, região metropolitana. Esses apontamentos iniciais servem para apresentar conhecimentos de uma doutrina diferente, que traz nuances das mais diversas religiões, mas traz consigo também valores que se traduzem pela sua expressão missionária de ajudar a todos os que precisam.

Sua doutrina, seus mitos, os ritos, as hierarquias ritualísticas, suas raízes, as indumentárias e o valor simbólico trazem-nos uma miscelânea de informações impressionantes, mas inicialmente discorreremos sobre a história de vida de Neiva Chaves Zelaya, fundadora da doutrina e nome importantíssimo para se analisar a relação de gênero, pois é a partir do seu percurso como pessoa, mulher, e liderança espiritual que teremos base para informar e analisar como as doutrinas espiritualistas, e de novos movimentos religiosos, se mobilizam com o tema em questão, e como isso é revisto nos frutos desses movimentos. Isto será abordado a respeito do Vale do Amanhecer de Ananindeua, região metropolitana de Belém.

---

<sup>1</sup> CAVALCANTE. Carmem Luiza, **Vilela e o Kitsch do Vale do Amanhecer**. Artigo – revista ângulo 199, out./dez., 2009, p. 32-35.

<sup>2</sup> PIERUCCI. Antonio Flavio, “Bye bye, Brasil” – o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos avançados*, São Paulo, vol. 18, n. 52, Set./Dec. 2004.

<sup>3</sup> Como se chama a doutrina do Vale do Amanhecer.

<sup>4</sup> Segundo os adeptos alguém com capacidade de visitar vários planos espirituais através de sua mediunidade.

<sup>5</sup> OLIVEIRA. Amurabi Pereira, *A nova era à brasileira: a new age popular do Vale do Amanhecer*. Artigo, Revista Interações – cultura e comunidade, 2009. p. 31-50.

Neste ensaio almeja-se responder questões referentes ao Vale do Amanhecer que tendo sido fundado em Brasília se expande pelo Brasil e pelo mundo, chegando em Belém. O ensaio utiliza uma análise de gênero, onde as questões do sexo não se restringem a uma dimensão biológica, mas social, onde “numa relação de masculinidade e feminilidade podemos perceber homem e mulher, ser humano inteiro, mas inacabado”.<sup>6</sup>

### **Descrição do Vale do Amanhecer de Ananindeua, região metropolitana de Belém.**

A cidade de Ananindeua é fronteira à cidade de Belém, fazendo parte da grande região metropolitana. Por muitos é considerada como sendo a própria cidade de Belém, o que é facilmente percebido quando ouvimos pessoas de outras cidades do Estado do Pará, falando sobre a cidade de Ananindeua, diz-se: “vou a Belém” ou “lá em Belém”.

A cidade de Ananindeua é grande em se tratando das dimensões territoriais, e é o segundo colégio eleitoral do Estado, porém, ainda para muitos moradores é considerada uma cidade dormitório, pois muitos trabalham em Belém e dormem em Ananindeua. Como muitas cidades do norte, tem sérios problemas estruturais, a cidade ainda não tem universidades públicas, e quando se refere a saúde e a doença em seu âmbito de urgência e emergência, muitos acidentados ainda procuram os prontos socorros de Belém, por não ter em Ananindeua hospitais públicos que abarquem a necessidade do povo ananin, como é conhecido quem mora em Ananindeua.

Destaca-se em Ananindeua o conjunto habitacional Cidade Nova, com a melhor estrutura de toda a cidade de Ananindeua, com grandes redes de supermercados. Vive basicamente do comércio e agricultura, recentemente com uma via (av. independência, ainda em construção) com acesso direto de Belém para a BR-316, saída de Belém, sem ter que passar pelos transtornos dos engarrafamentos dos grandes centros urbanos.

O bairro do Icuí-Guajará é um bairro anexo a Cidade Nova, grande em dimensões territoriais, pequeno em infraestrutura, arrodado de muita água, que são

---

<sup>6</sup> BOFF, Leonardo. Masculino/feminino: o que é o ser humano? In: *Gênero e teologia: interpretações e perspectivas*. Revista de artigos da SOTER. São Paulo: Loyola, 2003. p. 203-216, à p. 206.

os rios que o circundam e muitos espaços ocupados por mato e invasões, muita violência e situação de risco, por conta dos diversos problemas estruturais. Isto podemos perceber na fala da senhora Maria Guilhermina Soares, sobre um protesto que ateou fogo em um ônibus e fechou a principal rua do bairro, por conta da demora dos transportes públicos, dos assaltos e das péssimas condições das ruas esburacadas:

“Estamos fazendo isso por que é um direito nosso. Por uma situação absurda que temos que passar todos os dias.”<sup>7</sup>

Recentemente foi inaugurado no bairro uma avenida de um pouco mais de um quilometro de comprimento e de 30 metros de largura que é a principal avenida do bairro e que liga a Cidade Nova ao Vale do Amanhecer.

O bairro do Icuí-Guajará, é muito conhecido tanto para quem mora em Ananindeua como em Belém, pois é estigmatizado como um bairro muito perigoso, por isso o bairro é com frequência manchete dos principais jornais de circulação em Belém<sup>8</sup>.

Morando na Cidade Nova a cerca de 4 quilômetros do Vale do Amanhecer, tenho a necessidade de todas as vezes que preciso ir ao Vale o faço de carro particular em função dos péssimos serviços de transportes públicos.

O Vale do Amanhecer situa-se neste bairro em uma antiga olaria e serralheria, desde 1994, um espaço de dimensões impressionantes e em construção. O principal templo ainda não é o definitivo, mas lembra em muito o templo de Brasília, com diversas salas, que são os espaços de cura e passe, e diversos tronos, que são os primeiros momentos para quem acabou de chegar no Vale.<sup>9</sup> Há uma cachoeira na entrada do templo, que é básica para se abrir o espaço espiritual, e duas escadarias na porta de entrada. Segundo membros do Vale do Amanhecer, há dois cavaleiros que protegem o Vale e dão permissão para se entrar e permanecer naquele ambiente a qualquer pessoa, com uma placa como portal de entrada que diz, “Vale do Amanhecer: Lugar de Cura e Paz” e ainda uma pequena barraca de madeira que comporta todos os domingos pela manhã um pequeno grupo de crianças num ritual chamado pajezinho.

---

<sup>7</sup> Fonte: Jornal O diário do Pará, de 03 de setembro de 2010.

<sup>8</sup> O Liberal, O Diário do Pará, O Amazônia Jornal, todos com circulação na Grande Belém.

<sup>9</sup> Por conta desses (e somente esses) espaços esse Vale ainda é considerado um pronto-socorro espiritual e não um hospital espiritual que é o principal objeto para quem funda ou faz parte do Vale do Amanhecer.

## **Tia Neiva – uma história de vida: de sua trajetória de vida à base doutrinária**

Mulher do povo, que foge dos padrões patriarcal de sua época, (cf. Del Priore, 2006)<sup>10</sup>, simples nas suas aspirações, transformou sua vida em uma miríade espiritual com uma missão de amparar os desafortunados e necessitados. Na tentativa de conhecer esta mulher, retomemos sua história de vida para compreendermos as sutilezas de construção de uma doutrina peculiar e de uma ciência do espírito, como dizem seus seguidores.

No dia 30 de outubro de 1925, nasce na cidade de Propriá, Estado de Sergipe<sup>11</sup>, Neiva Chaves Zelaya, (apesar de haver contestes a essa informação, afirmando que ela nasceu na Bahia) filha de Antônio de Medeiros Chaves, topógrafo, e Maria de Lourdes Medeiros Chaves. Por conta da profissão de Antônio, Neiva e sua mãe tinham que acompanhá-lo aonde quer que fosse, já que eram suas dependentes. Posteriormente, na cidade de Ceres, Goiás, Neiva casou-se aos 16 anos com Raul Alonso Zelaya.

Viúva aos 22 anos, Neiva fica com quatro filhos, fato que lhe impõe a responsabilidade de sustento de sua prole. Em decorrência disso, exerceu várias profissões, tais como: costureira, fotógrafa, vendedora ambulante, e por fim, motorista profissional, a primeira caminhoneira do Brasil com carteira registrada, fato ocorrido no ano de 1949.

Neiva era muito respeitada e admirada por todos, pois quando muitos esperavam dela uma vida de improbidades, encontravam nela uma pessoa de boa índole, que carregava muitas vezes na boleia do seu caminhão seus filhos e, para sua segurança, guardava no porta luvas um revólver.

Fixou-se em Goiânia em 1954 e, deste período até 1956, exerceu o ofício de motorista de ônibus, do qual um de seus filhos era o cobrador.

---

<sup>10</sup> DEL PRIORE, Mary. *A História do Amor no Brasil*. Ed. Contexto, São Paulo, 2006, p. 300-308.

Neiva, para trabalhar e sustentar a família, adotou uma menina chamada Gertrudes, a quem deu seu sobrenome, e que se tornou uma mãe adotiva para os quatro filhos de tia Neiva.

Em meados da década de 50 começava a construção de um sonho para o povo brasileiro. Daquela que seria a nova capital do país, Brasília era para muitas pessoas que vinham de todas as partes do Brasil, a esperança de uma vida melhor. Para Neiva não era diferente. Transferindo-se para Brasília em 1957, teve a oportunidade de trabalhar na construção dessa cidade. Concluído o trabalho, retornou às suas atividades de motorista de caminhão e recebeu a ficha nº 2525 da NOVACAP (Companhia Organizadora da Nova capital).

Souza retrata a sociedade brasileira nesta época em sua tese de doutorado:

A sociedade brasileira, herdeira do patriarcalismo colonial, era bastante rígida no que diz respeito ao papel da mulher. Contudo, ela conseguiu um fato inédito para a sua época: tornou-se motorista de caminhão, e fazia seu ofício. Atualmente no Brasil, ainda há uma rígida divisão do trabalho por sexo.<sup>12</sup>

Após a sucessão dos fatos descritos, Neiva instalou-se na Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante. Descendente de família tradicionalmente católica, tendo tios religiosos, padres e freiras, passou a ver e ouvir espíritos. A primeira manifestação foi um cacique enfeitado com plumas brancas e identificado como Pai Seta Branca<sup>13</sup>. Perturbada, recorre então a um padre, que lhe aconselhou a procura de um psiquiatra, pois para ele era um visível estado de desequilíbrio.

Neiva achava que tudo não passava de uma estafa. Confusa, procurou ajuda de outras pessoas, que também lhe aconselharam a procurar ajuda profissional.

Depois de muito resistir, Tia Neiva buscou ajuda psiquiátrica. No consultório, começou a ser incomodada por um espírito, que ela identificou como sendo seu Juca, pai do médico que a estava atendendo, falecido há apenas dois meses. Ao relatar ao psiquiatra sobre esta “visita”, o mesmo ficou perplexo já que seu pai se chamava realmente Juca e havia falecido há dois meses. Impressionado, o doutor disse a Tia Neiva que o caso dela não poderia ser resolvido pela psiquiatria.

<sup>12</sup> SOUZA, José Francisco de. *Tia Neiva: Estudio histórico, religioso y literário*. Tese de Doutorado, Universidade de Leon, 2002. p. 313.

<sup>13</sup> PAI SETA BRANCA, no contexto da Doutrina do Amanhecer, representa o papel mais significativo de todo o movimento, foi criado por Deus e possui poderes divinos. É considerado um espírito de luz que se alimenta das energias do céu.

As visões de Tia Neiva foram se acentuando contra a sua vontade. Angustiada e solitária por ninguém entendê-la, muitas vezes ficava noites chorando. Num certo dia, a caminhoneira, ao passar pela Cidade Livre, pensou ter atropelado alguém e freou o caminhão bruscamente, fato que chamou a atenção de um guarda. Este logo lhe indagou sobre o que estava acontecendo, pois percebeu que ali não ocorrera nenhum acidente. Dessa forma, quando Neiva contou-lhe sobre o ocorrido e sobre suas visões, o guarda aconselhou-a a procurar um terreiro.

Ao sair daquele local resolveu ir a um bar sempre freqüentado por ela, que também era um posto, a fim de lavar o caminhão, e, deste local, avistou pessoas em frente ao estacionamento de uma empresa de ônibus. Acabou tendo uma visão de seis pessoas mortas envolvidas num acidente, e ouvindo uma voz dizendo ter ela o poder de prever o futuro, conseguiu impedir que duas pessoas viajassem, evitando assim as suas mortes. A partir desse fato, iniciam-se os trabalhos espirituais de Tia Neiva, cuja eclosão culminou em sua clarividência e a aceitação total da sua missão.

Mário Sassi explica a aceitação da clarividência de Tia Neiva:

Incompreendida pelos homens ela teve de se voltar para o que lhe diziam os espíritos. Só neles começou a encontrar a coerência necessária para não perder o juízo. A partir daí ela deixou de obedecer aos “Entendidos”, e tornou-se dócil, às instruções dos seres, invisíveis aos olhos comuns, mas para ela não só visíveis como também audíveis.<sup>14</sup>

Paulatinamente, Neiva abandona o seu trabalho e se dedica à construção da Doutrina, que hoje se chama Vale do Amanhecer. Segundo os escritos da Doutrina, a ex-motorista de caminhão dominou a técnica do “transporte consciente” (capacidade de sair do corpo conscientemente, deixá-lo em estado de suspensão semelhante ao sono natural, e se deslocar em outros planos vibratórios), começando, assim, o seu aprendizado iniciático. Com o domínio do transporte consciente, segundo citações, Neiva deslocou-se diariamente ao Tibet e, no período de 1959 a 1964, recebeu ali instruções de um mestre chamado UMAHÃ. De acordo com os adeptos do Vale, Tia Neiva contraiu uma deficiência respiratória nas “visitas

---

<sup>14</sup> SASSI, Mario, *Sob os olhos da clarividente*. Brasília, 1999. p. 11.

a outros planos espirituais”, o que lhe custou respirar com uma pequena parte do pulmão até a sua morte.

Tia Neiva transportava-se para o passado e tomava conhecimento das suas vidas anteriores e do grupo espiritual a que pertencia; recebia orientações de Seta Branca e de seus ministros (responsáveis pelo comando da missão do Vale do Amanhecer) e as utilizava para a comunidade Serra do Ouro, chamada “União Espiritualista Seta Branca” – UESB, onde pessoas doentes e angustiadas eram atendidas pelos médiuns, tendo sempre à frente a figura da sergipana.

Segundo a cosmologia dos membros da Doutrina do Amanhecer, a ex-caminhoneira administrava a missão espiritual dos seguidores do Vale seguindo as ordens de Seta Branca. Tia Neiva morreu em novembro de 1985, há 21 anos, deixando em seu lugar, quatro “Trinos”, entre eles, Mário Sassi, falecido em 1995 e um de seus filhos, Gilberto Chaves Zelaya.

Tia Neiva sempre foi reconhecida no Vale por seus poderes de cura e pelos contatos com espíritos e outros “mundos”. Por isso, mesmo após sua morte, continua sendo muito reverenciada nos Templos do Amanhecer. Sua imagem, guardadas as proporções necessárias, assemelha-se à figura do profeta, dotado do carisma dos seus discípulos, assim como foi teorizado por Max Weber<sup>15</sup>.

Em sua tese de doutorado, José Francisco de Souza (2002), descreve uma história que representa muito bem o contexto da época referente à mulher e seu modo de agir:

Tia Neiva ao visitar um pai de santo, apresenta-se vestida com calça comprida e botas, o que na época era inadmissível para o uso feminino, e o pai de santo se recusou permitir que ela entrasse no terreiro. Neste momento incorporada pelo pai Seta Branca, tia Neiva se ajoelha e pede desculpas ao pai de santo, por não poder pisar no terreiro. Depois do ocorrido, segundo relatos do filho de tia Neiva Raul, aquele terreiro nunca mais funcionou, pois não tinha mais energias, o que fez com que o pai de santo ficasse chateado com tia Neiva.

Para a época, bem como em parte (ou não), para os nossos dias, uma mulher que sustenta a família, tem pouca instrução escolar, trabalha em ofícios de homens, veste-se como homens, com características de liderança, e fundadora de uma cidade espiritual, doutrina que ganha dimensões extraordinárias, pois se

---

<sup>15</sup> WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 4. ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985. p.128.

expande de Brasília para o Brasil e, por conseguinte para o mundo, isso é seria uma afronta, aos costumes e à cultura. No quesito religião, isso é ainda hoje um feito a ser lembrado e analisado à luz da análise de gênero, onde Tia Neiva, muito mais do que ser feminino, no que condiz ao biológico, é contraponto às interdições de uma sociedade patriarcalista e preconceituosa à ascensão de mulheres, do privado ao público.<sup>16</sup> Pois

a mulher que queria simplesmente criar seus filhos e dirigir seu caminhão, buscando naturalmente a segurança dos valores deste mundo, agora recebia os impactos do descortinar de uma realidade transcendental. Os mistérios da vida e da morte. Ela sabia então que a vida física não é o começo e nem o fim, e sim um meio.<sup>17</sup>

Tia Neiva arrisca, ainda, todas as suas posses físicas e financeiras, perde seus dois caminhões, para se dedicar a um novo objetivo, que seria a construção de uma cidade espiritualista, e vive de plantação de batatas e amendoins, além da fabricação de farinhas e telhas de barro. Com precariedade, o movimento se dispõe a atender, socorrer e alimentar uma comunidade que estava em formação.

Quando Tia Neiva chega em Brasília, no espaço que seria a sede do Vale do Amanhecer, ela chega com cerca de oitenta crianças criando assim um orfanato em um barracão de madeira.

Daquele barracão de madeira, fundada por uma mulher, aquele espaço toma dimensões que são lembradas com orgulho pelos adeptos do grupo, pois o Vale recebe a visita de Caetano Veloso, onde seus membros afirmam que uma de suas composições intitulada “Índio” é em homenagem a história do Vale do Amanhecer, e recebe ainda a visita do então Presidente da República, Figueiredo, e ainda uma carta que é exibida com orgulho, do Papa João Paulo II.

### **A construção de uma doutrina com base na relação de gênero entre Tia Neiva e Mário Sassi**

A origem do Vale do Amanhecer não pode ser desvinculada de sua raiz, onde as histórias de vida de Tia Neiva e Mário Sassi são suporte para se entender como essa doutrina toma as dimensões mundiais em tão pouco tempo e com uma

<sup>16</sup> COUTO, Márcia Thereza, Na trilha do Gênero: pentecostalismo e CEBs. *Revista Estudos femininos*, USP, São Paulo, a. 10, n. 2, p. 357-369, 2002.

<sup>17</sup> SOUZA, 2002, p. 317.

doutrina que apesar de sua mistura e quantidade de informações acaba sendo tão sólida e verdadeira para seus adeptos.

Diante de todo o exposto acima podemos perceber na história de vida de tia Neiva que, diante de sua labuta social e familiar de subsistência, diante das suas limitações educacionais, parece que faltava algo ou alguém para organizar e solidificar sua doutrina. Esse alguém foi Mário Sassi.

Intelectual, e na busca por sentido de vida, encontra Tia Neiva, que o aconselha e o ajuda a fugir de pensamentos suicidas.

Ao se encontrar, depois de muito procurar, na doutrina espiritualista do Vale do Amanhecer, Mário Sassi se envolve com tia Neiva e como muitos falam se torna o mentor intelectual do Vale.

No estudo que resultou a dissertação de mestrado de Ana Lucia Galinkin, e mais tarde em livro intitulado “A Cura no Vale do Amanhecer”, ela assim resume essa relação entre Tia Neiva e Mário Sassi entre o doutrinador e o apará, entre o feminino e o masculino nas tabelas abaixo:<sup>18</sup>

MÉDIUNS	
APARÁS	DOCTRINADORES
Sujeito ao transe	Não sujeito a transe
Recebe as mensagens das entidades	Interpreta e controla as mensagens das Entidades.
Atrai os Espíritos das Trevas (imã, radar)	Envia os espíritos das trevas para o Astral Superior
Incorpora Espíritos de Luz	Conversa com o Espírito de Luz
Incorpora os Espíritos das Trevas	Doutrina Espíritos das Trevas
Descontrole Ritual (transe)	Vigia e controla o ritual
Inconsciente ou semi-consciente durante o ritual	Consciente durante o ritual
Não tem responsabilidade pelo que acontece no ritual	Responsável pelo que acontece no ritual
Alivia incorporando	Alivia doutrinando
Manipula as forças da lua	Manipula as forças do sol
Conhece pouco a doutrina	Conhece bem a doutrina
Predominância de mulheres (feminino)	Predominância de Homens (masculino)
LÍDERES DA DOCTRINA	
Tia Neiva	Mário Sassi
Apará	Doutrinador
Sujeito ao transe	Não sujeito ao transe
Recebe mensagens de entidade	Interpreta tais mensagens e transmite em forma de livros, folhetos e aulas

<sup>18</sup> GALINKIN, Ana Lúcia. *A cura no Vale do Amanhecer*. Brasília: Ed. Techno Politik, 2008. p. 84 e 85.

Desempenha todos os papéis de apará	Desempenha todos os papéis de doutrinador
Enquanto presidente, desempenha um papel representativo na organização	Enquanto secretário geral, desempenha um papel executivo na organização
Cria a doutrina	Transforma e organiza a doutrina
Dirige por inspiração sobrenatural	Dirige por controle racional
Cigana no plano sagrado	Cientista no plano sagrado
Lidera o sagrado	Lidera o profano
Pouca instrução	Intelectual
Feminino	Masculino

Diante dos quadros acima Galinkin conclui:

Depreende-se, ainda, da complementariedade desses papéis e do significado simbólico de cada um, a representação dos papéis masculino e feminino da sociedade, reproduzindo Tia Neiva e os aparás, a mulher, e o Sr. Mário Sassi e os doutrinadores, o homem. Correspondendo aos estereótipos femininos e masculinos, o apará/feminino representa o descontrole, a intuição, aquela que gera a doutrina, que usa o corpo e suas atividades rituais, mais próximo da natureza. O doutrinador/masculino representa a ordem e o controle, a racionalidade, o conhecimento a ciência; usa o cérebro em suas atividades rituais, mais próximo da cultura.<sup>19</sup>

### **História de vida do Mestre Pacheco, fundador e presidente do Vale do Amanhecer do Icuí-Guajará (RMB<sup>20</sup>)**

A partir de então este ensaio se volta a discutir e analisar o contexto em que o Vale do Amanhecer está inserido, bem como a história de vida do fundador e presidente do espaço e sua relação com o grupo ao qual faz parte e onde

a concepção das relações de gênero apresenta-se como um paradigma, capaz de não simplesmente visibilizar mulheres e/ou grupos oprimidos, mas de iluminar as descobertas sobre a estruturação das opressões e das tramas de poder que organizam discursos normativos e estabelecem controles sociais culpabilizando os corpos.<sup>21</sup>

O Sr. Pacheco foi o fundador do Vale do Amanhecer do Icuí-Guajará e o responsável por diversos iniciados que deram origem a outros Vales do Amanhecer espalhados pelo Estado do Pará.

<sup>19</sup> GALINKIN, 2008, p. 84.

<sup>20</sup> Região Metropolitana de Belém.

<sup>21</sup> SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Horizontes em discussão na arte de fazer teologia. In: *Gênero e teologia: interpretação e perspectivas*. Revista de artigos da SOTER. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 187-202, à p. 195 e 196.

Hoje é trabalhador autônomo, pequeno empreendedor no ramo de transporte de cargas por todo o Brasil. Na década de 80, época áurea de seu empreendimento se tornou dono de uma olaria, responsável pela fabricação de telhas e tijolos e uma serralheria, abarcava cerca de 120 funcionários. Em um dos principais centros empregatícios da região, com uma área de cerca de 150 mil metros quadrados era considerado bem sucedido economicamente e profissionalmente.

Porém, segundo relato do próprio Pacheco, vivia muito mal com sua esposa e filho recém-nascido, tanto que esposa e filho foram morar no Mato Grosso, como que fugidos de uma relação que definhava.

Na tentativa de salvar o casamento e sua relação com o filho, parte de carro de Belém para o Mato Grosso. Nessa jornada conhece um rapaz que lhe pede carona e que mais tarde iria lhe influenciar a orientar-se no Vale do Amanhecer de Brasília.

Aconteceu que, no trajeto da viagem que faziam, por diversas vezes o Sr. Pacheco dormiu ao volante colocando sua vida em risco e do carona, e assim por diversas vezes foi acordado por esse rapaz que lhe pediu carona até Goiás e que preocupado com a sonolência do Sr. Pacheco conduziu o carro até o Mato Grosso ao encontro da esposa do Sr. Pacheco. Retornando a Goiás sugeriu que o Sr. Pacheco buscasse orientação espiritual em Brasília no Vale do Amanhecer.

O Sr. Pacheco, muito reticente, pois dizia que o Vale do Amanhecer se tratava de feitiçaria, resolveu ir ao Vale com sua esposa e Filho, este ano era 1989.

Ao chegar no Vale do Amanhecer teve que esperar o dia inteiro em uma fila e já por volta de meia-noite foi orientado em ritual de trono e por um espírito de Preto Velho a não fechar um contrato com futuros sócios.

Sem acreditar em nenhuma palavra que ouviu no Vale do Amanhecer volta a Belém, fecha contrato e mais tarde sendo enganado herda uma dívida que lhe faz perder quase tudo que tinha, fechando sua olaria e serralheria, deixando desempregados 120 funcionários e com eminente ameaça de perder sua terra como pagamento de dívidas.

Por conta da história acima relatada o Sr. Pacheco volta a Brasília se inicia no Vale do Amanhecer, e ao retornar a Belém no mesmo espaço que antes lhe servia de empreendimento profissional agora começa uma nova jornada, a espiritual,

pois nesse espaço o Sr. Pacheco e sua esposa Fátima constroem e fundam um templo do Vale do Amanhecer, em 1994, que hoje conta com cerca de 80 médiuns.

Nesse espaço o Sr. Pacheco e a dona Fátima pensam em construir um espaço social que alimente pessoas necessitadas da região e ainda vender parte do terreno para construção de um condomínio.

Tanto o Sr. Pacheco como a dona Fátima são doutrinadores, díspares da história de Tia Neiva e Mário Sassi.

### **A relação Apará e Doutrinador no vale do amanhecer do Icuí-Guajará: considerações finais**

O Vale do Amanhecer, analisado como religião, é de grande importância para as análises de gênero, pois tem como principal nome, uma mulher, diferente das religiões tradicionais.

No vale do Amanhecer do Icuí-Guajará, não muito diferente de outros Vales do Amanhecer, como a própria descrição e análise de Galinkin acima exposta, há uma divisão entre o corpo mediúnico, aparás e doutrinadores, e nesta divisão, neste espaço, no Icuí-Guajará, pode-se perceber uma relação importante para se ver e analisar religião atualmente, onde a educação ou instrução é fator de diferenças e de desigualdade entre homens e mulheres (cf. Auad, 2002-2003)<sup>22</sup>. Aqui é perceptível a presença de apenas três médiuns aparás do sexo masculino e todo o restante (que é a maioria visível, e que ainda não foi possível perceber a quantidade exata na pesquisa de campo a que nos propomos a desenvolver) é do sexo feminino. Também percebemos que nessa relação está explícito que o grau de instrução dos aparás é inferior aos dos doutrinadores.

Nestes apontamentos, percebemos que a relação de gênero, quanto à diferenciação de instrução, é mais acentuada do que a desigualdade propriamente, pois para o Vale do Amanhecer, todos somos médiuns, mais ou menos desenvolvidos, e cada um com sua importância para o plano astral.

Percebemos também que esposa do líder, presidente do Vale do Amanhecer, é doutrinadora, numa relação onde ela, dona Fátima, fazendo parte de

---

<sup>22</sup> AUAD, Daniela. Educação para a democracia e co-educação: apontamentos a partir da categoria de gênero. *Revista USP*, São Paulo, n. 56, p. 136-143, dezembro/fevereiro 2002-2003.

um contexto dominador, é bem instruída, o que aparentemente não lhe permite ser, como a regra deste recorte, apará.

Portanto, percebemos que nesta relação, o homem, como que seguindo a regra social de nosso espaço cultural patriarcal, é representado pelo poder intelectual, enquanto que a mulher aparece como subordinada, mesmo diante de toda a representação e liderança exercida pelo histórico de tia Neiva. A mulher é distanciada do fator intelectual, do saber, e aproximada do transcendental fator espiritual.

Isto evidencia, a partir de estudos mediados pela categoria de gênero, os processos normativos de construção do saber, neste processo socialmente construído a partir da relação de poder.<sup>23</sup>

## Referências

ÁLVARES, Bálamo (Org.). **Hinos mântricos**. Brasília: [do autor], 1991a.

\_\_\_\_\_. **Mensagens de Pai Seta Branca**. Brasília: [do autor], 1991b.

\_\_\_\_\_. **Leis e chaves ritualísticas**. Brasília: [do autor], 1993.

AMARAL, Leila. **Nova Era: Um desafio para os cristãos** / Leila Amaral, Gottfried Kënzler, Godfried Danneels. – São Paulo: Paulinas, 1994. – (Coleção: Atualidade em Diálogo)

AUAD, Daniela. Educação para a democracia e co-educação: apontamentos a partir da categoria de gênero. **Revista USP**, São Paulo, n. 56, p. 136-143, dezembro/fevereiro 2002-2003

BOFF, Leonardo. Masculino/feminino: o que é o ser humano? In: **Gênero e teologia: interpretação e perspectivas**. Revista de artigos da SOTER. São Paulo: Loyola, 2003. p. 203-216.

CAVALCANTE, Carmen Luisa. **Xamanismo no Vale do Amanhecer: o caso Tia Neiva**. São Paulo: Annablume, 2000.

\_\_\_\_\_. Dialogias no Vale do Amanhecer: os signos de um imaginário religioso antropofágico. São Paulo. Tese (doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. Vilela e o Kitsch do Vale do Amanhecer. **Revista Ângulo** 199, out./dez., 2009, p. 32-35.

<sup>23</sup> Sampaio, 2003, p. 196.

COUTO, Márcia Thereza, Na trilha do Gênero: pentecostalismo e CEBs. **Revista Estudos femininos**, USP, São Paulo, a. 10, n. 2, p. 357-369, 2002.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. Ed. Contexto, São Paulo, 2006.

GALINKIN, Ana Lúcia. **A Cura no Vale do Amanhecer**. Brasília: Ed. Techno Politik, 2008.

MARQUES, E. G. Os Poderes do Estado no Vale do Amanhecer: Percursos Religiosos, Práticas Espirituais e Cura. Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Brasília, 2009.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. **Estudos Avançados – Dossiê Religiões no Brasil**. vol. 18, n. 52, Set/Dez 2004.

OLIVEIRA. Amurabi Pereira, A nova era à brasileira: a new age popular do vale do amanhecer. **Revista Interações** – cultura e comunidade, 2009.

PIERUCCI. Antonio Flavio, “Bye bye, Brasil” – o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 18, n. 52, São Paulo, Set./Dec. 2004.

REIS, M. R. Tia Neiva a Trajetória de uma Líder Religiosa e sua Obra, o Vale do Amanhecer. Departamento de História da Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. **Movimentos do Corpo Prostituído da mulher**. Encontros e desencontros teológicos. São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. Tânia Mara Vieira. Horizontes em discussão na arte de fazer teologia. In: **Gênero e teologia: interpretação e perspectivas**. Revista de artigos da SOTER. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 187-202.

SASSI, Mario. **Sob os olhos da clarividente**. Brasília, 1999.

SENA. Daniel Lucas Noronha de; REIS. Luciel Serrão. Os seguidores da ciência: a doutrina do amanhecer. Monografia de conclusão de curso, UEPA, 2006.

SOUZA, José Francisco de. Tia Neiva: Estudio histórico, religioso y literário. Tese de Doutorado, Universidade de Leon, 2002.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 4. ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985.